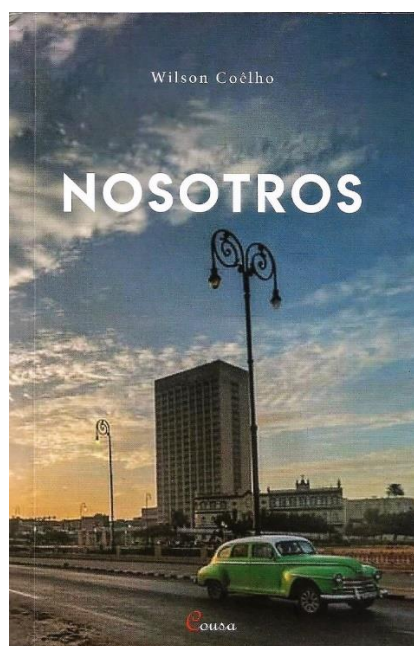


COÊLHO, Wilson. *Nosotros*.
Vitória: Causa, 2020.

Maria Mirtis Caser*



A credito que o leitor, se não tiver lido comentários, críticas ou resenhas, faz suas próprias previsões do que vai encontrar em uma obra literária, ao primeiro contato, quando pode ver a capa e nela os elementos paratextuais: o autor, a editora e o gênero a que os responsáveis pela

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

obra decidem que ela se afilia, além naturalmente do título, que, se espera, resume o que de mais importante será encontrado nele. *Nosotros* é o título do livro aqui resenhado, fotos comovidas da capa, da contracapa e da falsa contracapa mostram uma Cuba brilhante e antiga, e o autor é Wilson Coêlho¹, escritor, tradutor, oficineiro e intelectual comprometido com ideias libertárias e crítico feroz das mazelas a que o capitalismo submete grande parte da população.

Essas primeiras informações me conduzem a pensar numa relação com o romance distópico, de autoria do russo Yevgeny Zamyatin, *Nós*, escrito entre 1920 e 1921. *Nós* inaugura as sátiras futuristas a sociedades totalitárias, como ocorre no romance *1984* (1949), do inglês George Orwell, ou em *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, entre outros, que teriam sido influenciados pela leitura da obra de Zamyatin. *Nosotros* é, no entanto, o lado contrário do *Nós*. Uma visão utópica de uma sociedade justa, igualitária, em que as oportunidades estão ao alcance de todos e na qual todos se sentem responsáveis pelo bem comum, é a síntese do texto.

Nas 310 páginas de *Nosotros*, conhecemos a trajetória pessoal do narrador entrecruzada com a história da Revolução Cubana, cujas coincidências com a vida do protagonista começam com a idade. O narrador nasceu em 1959, ano em que se concluiu o projeto de derrubada da ditadura de Fulgencio Batista, levado a cabo pelo povo cubano, comandado por Fidel Castro, Che Guevara e “compañeros”. Uma combinação de autobiografia, ficção e jornalismo dá ao autor, que não quer ter a obra etiquetada como pertencente a um gênero literário específico, a oportunidade de mostrar seu conhecimento de literatura, de crítica

¹ Wilson Coêlho é licenciado em Filosofia e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, nasceu em Baixo Guandu e vive em Vitória. Entre as obras publicadas por Coêlho destacamos os livros de ensaios *A flor quebrou o asfalto* (Vitória: Cousa, 2015); *Antonin Artaud: a linguagem na desintegração da palavra* (Curitiba: Appris, 2013); *Maomé vai a Montaigne* (Vitória, Cousa, 2010); os livros de contos *Era sem forma e vazia* (Vitória, Edições do Autor, 2008); *Dionisismos* (Vitória: Editora do Autor, 1991); *A palavra criatura* (Vitória: Editora do Autor, 1994); *Em busca do verbo perdido* (Vitória: Editora do Autor, 2002); e o romance *Era sem forma e vazia* (Vitória: Editora do Autor, 2008). Traduziu *Aqui Jaz*, de Antonin Artaud (Vitória, Cousa, 2018); *Clitoris*, de Fernando Arrabal (Zaragoza: Libros del Innombrable, 2012), entre outros títulos. Dirigiu mais de vinte espetáculos montados pelo grupo Tarahumaras.

literária, de cinema e principalmente de teatro, sua paixão maior e moldura de todos os acontecimentos humanos, segundo se pode inferir de seus escritos.

A explicação para a escolha do título é mais uma prova de sua admiração pelo país caribenho: o cubano usa o *nosotros* em lugar do *yo*, de forma espontânea, e na sociedade recriada por Coêlho, baseada em documentos, na História, em entrevistas e na percepção individual do narrador, o cubano forma uma teia indestrutível com o Outro.

Entre as funções que desempenha *Nosotros* a primeira por certo é a lúdica – lê-se o livro com prazer. Além dela está a rememoração para as gerações que vivenciaram as emoções de ver um país pequeno e periférico enfrentar um país teoricamente invencível, sair vitorioso da luta e continuar defendendo sua liberdade, não importa a que preço. Para os mais jovens a obra é a oportunidade de se inteirar do significado do projeto da Revolução Cubana e, quem sabe, começar a pensar que vale a pena ter um ideal, acreditar nele e lutar para que suas metas sejam alcançadas.

O leitor tem em *Nosotros* a oportunidade de conhecer a história da vida cultural da cidade de Vitória, os projetos que insistem em trazer para o grande público a cultura e o teatro especialmente como arte, história e comunicação, funções nem sempre reconhecidas pelo poder público, único segmento de nossa sociedade com capacidade para subvencionar essas atividades, que acabam sobrevivendo por força da resiliência do artista. Enfim temos na obra, embora sem vitimização, um retrato que denuncia as penúrias a que está sujeita a cultura no estado do Espírito Santo.

Entre as muitas emoções provocadas pela obra está a tradução do poema de Jesús Orta Ruiz, “Elegía de los zapaticos blancos”, que mostra a coragem e o envolvimento do povo cubano com os ideais da Revolução na figura de Nemesia, a menina que tem os seus primeiros sapatos, depois de andar com os pés nus toda sua infância, estraçalhados junto com sua família, pelos mercenários; mas

a jovem não chora, pois acredita que a luta é para que todas as crianças “tenham zapaticos blancos”. A leitura do poema me leva ao querido colega José Arthur Bogea, que da visita a Cuba volta encantado com o sorriso dos cubanos e com o poema de Orta Ruiz, que Bogea ia entoando pelos sendeiros em nossas andanças pelo Campus de Goiabeiras e cujo estribilho, “Pero Nemesia no llora”, ecoa na saudade que o colega deixou.

É de se registrar todo o esforço do narrador nos intentos de participar, como diretor de teatro, de encontros internacionais para os quais era convidado e o perrengue não tão chique de bater às portas de empresas públicas e privadas em busca de patrocínio para levar o nome da cidade, do estado e do país a outros rincões. Como o narrador não desiste nunca de seu sonho e parece ser tocado a desafios, as viagens acabam acontecendo. As oportunidades que o contato com gente do teatro, da literatura, da música, enfim, das artes todas, instiga no narrador sede de mais conhecimento, mais cultura, mais luta.

Em seu *Nosotros*, Wilson Coêlho transforma pesquisas intensas e sérias em conversas de boteco regadas a muita cerveja, dando ao seu texto uma leveza despretensiosa, pela qual o leitor é fisgado desde as primeiras linhas e acaba convencido de que podemos, talvez, ser felizes, se deixarmos de lado o *yo* e investirmos mais em *nosotros*.

Recebida em: 18 de junho de 2021.
Aprovada em: 22 de junho de 2021.